

## JAMESON E O RIO DO TEMPO

Profa.Dra. Maria Sílvia Betti (USP-FFLCH)

### Resumo:

*O Método Brecht*, livro de Fredric Jameson escrito em 1998 por ocasião do centenário do dramaturgo alemão, singulariza-se dentro do campo de estudos da cultura pelo fato de abordar o teatro brechtiano como expressão de um pensamento crítico e filosófico de absoluta pertinência diante das circunstâncias históricas do mundo contemporâneo. Para Jameson a doutrina brechtiana da atividade se apresenta como uma forma inovadora e capaz de superar o beco sem saída característico do mundo da cultura mercantilizada: ao trazer de volta o antigo sentido pré-capitalista do tempo, que Brecht vai buscar nas culturas clássicas orientais, a noção de atividade amplia os horizontes da criação para além dos limites inerentes às fetichizações mercadológicas, e dá elementos para que se supere a dissociação entre pensamento e suas projeções aplicadas. Esta comunicação se dispõe a discutir algumas das idéias centrais desse trabalho

**Palavras-chave:** teatro épico, crítica marxista, estudos da cultura

Bertolt Brecht não é apenas um dramaturgo que lança mão de questões políticas e epistemológicas em seu trabalho, e sim um pensador cujas formulações políticas e epistemológicas se constroem no teatro como método de análise dialética da realidade.

Esta é, em termos muito sucintos, a idéia que serve de fio condutor a *O Método Brecht* (*Brecht and Method*), livro de Fredric Jameson sobre o trabalho teórico brechtiano lançado nos Estados Unidos em 1998 por ocasião do centenário de seu nascimento.

O momento era propício à (re)colocação de algumas balizas importantes para se pensar no teatro de Brecht: afinal, nas circunstâncias da efeméride, tanto os apologistas do autor como seus detratores tratavam de sistematizar e de discutir as idéias até então formuladas sobre sua canonicidade de um lado e sua propalada obsolescência de outro.

O ponto de partida de Jameson para tratar do que lhe interessa é a recolocação do conceito de utilidade: diante de um presente histórico em que a retórica do mercado no mundo pós guerra fria chega a ser mais anticomunista que a dos tempos do macartismo, a utilidade do trabalho de Brecht afirma-se como “método” para se pensar os paradoxos presentes nas formulações da filosofia moderna.

“Utilidade” envolve a idéia de ensino, mas vai além do didatismo geralmente associado a ele. A chave para se entender o significado que essa idéia brechtiana tem para Jameson está no fato de ele ressaltar que ciência, conhecimento e prática investigativa, na acepção de Brecht, são antes de mais nada fontes de prazer e de entretenimento. O caráter lúdico que apresentam é da mesma natureza que a observada, por exemplo, na fruição que alguém disposto a fazer uso de ferramentas novas e incomuns encontra diante de uma revista do tipo de *Mecânica Popular*. A prática que esse leitor hipotético procura possui um caráter de entretenimento. O ensino dessa prática, por outro lado, é também uma forma de prática na qual “ensinar” e “divertir” se mostram indissociáveis.

Enxergar a ciência e o conhecimento através desse prisma da mecânica popular é, para Jameson, uma noção moderna essencial em Brecht, e se contrapõe à velha idéia generalizada entre os ocidentais de que a repulsa entre artístico e didático é um traço constitutivo da própria modernidade. Como ressalta o crítico, *nenhuma das grandes civilizações pré-capitalistas clássicas jamais duvidou de que sua arte tivesse alguma vocação didática fundamental*<sup>1</sup>. Brecht procura

<sup>1</sup> JAMESON, F. *O Método Brecht*. Tradução de Maria Sílvia Betti. Petrópolis, Vozes, 1999. p 16.

recuperar essa vocação através daquilo que Jameson chama de a *dimensão chinesa* do trabalho brechtiano; para recuperá-la, no momento em que nos encontramos, é preciso, por um lado *superar os modos pré-capitalistas de produção* por um lado e *isolar todo o “antiquarismo”* que associamos, por exemplo, à expressão artística da China antiga, tratando de acrescentar “*trabalhadores*” à dimensão de “*camponeses*” que nela se apresenta, abrindo assim, explosivamente, o *continuum* da história.<sup>2</sup>

À idéia de utilidade liga-se à de atividade: é esta, aliás, que faz que o conhecimento e a arte refluam em direção ao útil. É na atividade e através dela que o útil se transforma num fim em si, entendendo-se este “fim em si” como união indissociável entre meio e fins, e entre imanência e transcendência.

A atividade (que se associa indissociavelmente à *práxis*) constitui para Jameson o cerne daquilo que ele chama de *doutrina brechtiana*. Se no passado atividade e práxis extraíam sua força empreendedora do fato de estarem na ordem do dia, nos nossos dias elas devem extraí-lo precisamente do fato de não mais estarem.

No mundo contemporâneo do trabalho institucionalizado e da profissionalização, é a paralisia que predomina, e a iniciativa humana é encarada ou como obsoleta ou como quixotesca. O que Jameson detecta de forma cristalina no conceito de atividade trabalhado por Brecht é um renascimento do antigo sentido pré-capitalista do tempo: a consciência do tempo como um fluxo de transformação constante e inevitável das coisas em direção aos seus opostos. A repressão desta consciência durante muitos séculos gerou a idéia de que o capitalismo e os valores associados a ele são “naturais” e “eternos”; gerou, ainda, a sublimação de um dado existencial básico, que é o da nossa própria morte.

Jameson recorre a Heráclito e a Mao Tse Tung a fim de ilustrar a imagem dialética do movimento contínuo das coisas existentes em direção aos seus opostos. Se a idéia da efemeridade de tudo foi com frequência usada como arma contra o pensamento de Brecht, é necessário lembrar, observa Jameson, que há algo profundamente não brechtiano na tentativa de *reinventar Brecht para os nossos dias, de detectar o que sobrevive e o que pereceu em Brecht, e em reinventar e reviver ‘Brecht para os nossos tempos’ ou o que sobrevive e o que morreu em Brecht, ou o Brecht pós-moderno ou Brecht para o futuro, um Brecht pós-socialista ou mesmo pós-marxista, o Brecht da teoria homossexual ou da política de identidade, o Brecht deleuziano ou derrideano, ou talvez o Brecht do mercado e da globalização, um Brecht da cultura de massas, um Brecht do capital financeiro, por que não?*<sup>3</sup>

Todas essas perspectivas de atualização, fundamentadas na idéia de Brecht como integrante do cânon contemporâneo, deixam entrever, como mostra Jameson, uma concepção reprimida da posteridade, e uma idealização desse mesmo cânon como forma suprema de assegurar uma *imortalidade pessoal*<sup>4</sup>.

Jameson procura destacar, no trabalho de Brecht, a percepção e a utilização das várias camadas de história que se sobrepõem no tempo e que se relacionam e se ajustam entre si de forma a constituir uma obra coletiva e a superar o aprisionamento do autor no âmbito da individualidade atribuída a ele como criador. O crítico frisa, a esse respeito, que a decantada “pilhagem” de textos teatrais do passado e de outras culturas, sabida e assumidamente praticada por Brecht, decorre da idéia de que *quanto mais gente de todas as idades tiver deixado seus traços no artefato, tanto mais*

---

<sup>2</sup> JAMESON, F. op. Cit. P 16.17.

<sup>3</sup> JAMESON, F. op. cit.p.19.

<sup>4</sup> JAMESON, F. op.cit. p 20.

rico e melhor este será<sup>5</sup>. Cada uma dessas camadas cristaliza trabalhos e expressões e organiza um fluxo de fragmentos em torno de si própria<sup>6</sup>.

Não é incomum, nos dias de hoje, que esse procedimento de Brecht sirva como base para a suposição de que ele teria explorado seus colaboradores (especialmente as mulheres), idéia apresentada no copioso volume de John Fuegi sobre o assunto<sup>7</sup>.

Como observa Jameson, a pilhagem é o comportamento padrão atualmente nos escritórios onde o chefe é homem, ou no campo acadêmico, onde professores assinam a pesquisa feita por alunos<sup>8</sup>, mas a forma como o procedimento de Brecht é tratado constitui, na verdade, uma estratégia sutil que leva à depreciação da natureza política e coletiva em nome da propriedade pessoal e individual<sup>9</sup>.

É através dessa depreciação que, no contexto contemporâneo, os temas das lutas de classes e da ação coletiva são desqualificados em nome dos temas das políticas de identidade, de forma a ocultar e a repudiar, assim, os traços utópicos do trabalho coletivo de Brecht e o trabalho colaborativo de caráter revolucionário.

Jameson observa que, em uma experiência coletiva verdadeiramente revolucionária, o que passa a existir não é uma multidão ou massa sem nome e sem rosto, mas um novo nível de existência no qual a individualidade se completa na coletividade. Este nível é vislumbrado através da promessa de colaboração utópica para o qual o trabalho de Brecht aponta, e constitui-se, para Jameson, numa lição cujos prazeres certamente voltarão em gerações futuras, por maior que pareça o seu descompasso com a atual era do mercado.

O teatro, tal como concebido por Brecht, é a *imagem exata do coletivo e do novo tipo de sociedade*: a sociedade na qual *as questões clássicas e dilemas da filosofia política podem ser “estranhados” e repensados*<sup>10</sup>. Sob o prisma brechtiano, o teatro é uma instituição microcósmica da sociedade como um todo, e oferece alegorias utópicas e simbólicas como espaço experimental e laboratório coletivo.

Este teatro como experimento coletivo é totalmente diverso do teatro como expressão ou experiência, por mais que muitos dos grandes experimentadores teatrais modernos também enfatizem o quanto seus trabalhos apresentam de coletivo ou de utópico. No mundo da mercadoria tendem a desaparecer, no resultado final, os traços que revelam o processo da produção em si; da mesma forma, na produção estética dita bem-feita as marcas dos ensaios são removidas. Brecht rompe com isso e torna possível ao espectador recuar até o momento dos ensaios, quando os atores treinavam seus papéis. A experiência estética brechtiana torna-se, assim, a tentativa experimental de excluir a reificação.<sup>11</sup>

Jameson vincula esta dimensão brechtiana do teatro a algo que denomina de *persona chinesa*<sup>12</sup>: trata-se da ligação do trabalho brechtiano a formas experimentais do Leste Asiático, mas também se trata da criação de um espaço distinto onde existem traços de exotismo e de historicismo, mas existem também, e principalmente, elementos pré-capitalistas e camponeses que são paradigmas da constituição de uma visão de mundo dentro da obra de Brecht. Esta constituição é, como frisa Jameson, uma importante estratégia de Brecht, uma vez que a idéia de visão de mundo já havia sido perdida, àquela altura, em quase todos os campos do moderno.

---

<sup>5</sup> JAMESON, F. op.cit. p. 26

<sup>6</sup> JAMESON, F. op.cit. p. 22

<sup>7</sup> FUEGI, John. *Brecht and Company*. Grove Press, 2002.

<sup>8</sup> JAMESON, F. op.cit. p.26

<sup>9</sup> JAMESON, F. op.cit. p.27

<sup>10</sup> JAMESON, F. op.cit. p. 28

<sup>11</sup> JAMESON, F. op.cit. p. 30

<sup>12</sup> JAMESON, F. op.cit. loc. cit.

Se existe, como mostra Jameson, essa dimensão chinesa fundamental para o pensamento teórico de Brecht, existe também, numa outra direção, naquilo que o crítico denomina de o *Brecht balzaquiano*, que vem a ser o Brecht que está, de 1928 em diante, “aprendendo marxismo”. O desafio fundamental que se coloca para o trabalho brechtiano a partir daí é o de como representar o capitalismo, ou seja, como representar as realidades inerentes à dinâmica do dinheiro como tal dentro da narrativa literária. Lembrando que a economia é, em seu sentido moderno, um campo que se desenvolveu entre o Iluminismo de Adam Smith e a obra de Marx, Jameson observa que Balzac enfrentou pioneiramente em seu trabalho o problema de como realizar esta representação. Esse é também o enfrentamento vivido por Brecht, por exemplo, em *Santa Joana dos Matadouros* e em *A Ópera dos Três Vinténs*<sup>13</sup>.

A grande batalha travada por Brecht a este respeito foi, como frisa Jameson, a de como encenar a temporalidade histórica do capitalismo industrial, muito diferente daquela do campesinato dos modos pré-capitalistas de produção. Este foi o dilema de Brecht dos anos vinte em diante: o de compreender a forma como atuava o capital e o de enfrentar os problemas e os becos sem saída da sua representação.

---

<sup>13</sup> JAMESON, F. op.cit. p.32,33.